

O RICO E CRIATIVO DEBATE DE CARLOS WALTER PORTO-GONÇALVES COM MARX

El rico y creativo debate de Carlos Walter Porto-Gonçalves con Marx

 Paulo Alentejano ^A
Virginia Fontes ^B

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Faculdade de Formação de Professores (UERJ/FFP), São Gonçalo, RJ, Brasil

^B Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 15/07/2024 | 16/07/2024 DOI: 10.12957/tamoios.2024.85914

Correspondência para: Paulo Alentejano (paulinhochinelo@gmail.com)

Resumo

Este texto busca resgatar, a partir das relações pessoais do autor e da autora com o homenageado e da leitura de alguns de seus textos, o rico e criativo debate estabelecido por Carlos Walter Porto-Gonçalves, com o pensamento marxiano. Como Carlos nos disse inúmeras vezes, Marx era seu ponto de partida fundamental para a crítica ao capitalismo e às mazelas, violências e destruições produzidas por este. Mas, tal como a melhor tradição de autores marxistas, Carlos não se limitava a repetir as ideias de Marx, apoiava-se nelas para dar sua contribuição à compreensão dos desafios da atualidade, em diálogo com as lutas e os sujeitos destas nos dias de hoje no Brasil e na América Latina.

Palavras-chave: Carlos Walter Porto-Gonçalves; Karl Marx; Ecologismo popular.

Resumen

Este texto busca rescatar, a partir de las relaciones personales del autor con el homenajeado y de la lectura de algunos de sus textos, el rico y creativo debate establecido por Carlos Walter Porto-Gonçalves, con el pensamiento marxista. Como Carlos nos dijo innumerables veces, Marx fue su punto de partida fundamental para criticar al capitalismo y los males, la violencia y la destrucción que produce. Pero, como la mejor tradición de los autores marxistas, Carlos no se limitó a repetir las ideas de Marx, se apoyó en ellas para hacer su contribución a la comprensión de los desafíos actuales, en diálogo con las luchas y sus sujetos en Brasil y América Latina.

Palabras clave: Carlos Walter Porto-Gonçalves; Karl Marx; Ecologismo popular.

INTRODUÇÃO

Em setembro de 2023, Carlos Walter Porto-Gonçalves (CWPG) faleceu precocemente. Poucos dias antes, em encontro pessoal com a autora deste texto – já abatido, com a voz fraca, porém com ânimo inabalável – me segurou o braço e afirmou: precisamos continuar na luta pelo marxismo!

Não foi diferente com o autor deste texto, para quem Carlos disse inúmeras vezes – nas conversas no Lemto/UFF em nossos longos diálogos em meio à construção do Atlas dos Conflitos no Campo Brasileiro e tantos outros encontros - que Marx era seu ponto de partida fundamental para a crítica ao capitalismo e às mazelas, violências e destruições produzidas por este.





Não se tratava apenas de palavras, pois não era de seu feitio dizer coisas apenas para agradar a plateia, mas de uma profunda convicção de que, sem enfrentar a terrível máquina de destruição da vida que o capitalismo representa, não há como construir um outro mundo.

Em todas as suas intervenções, CWPG denunciou a esteira de desigualdades, opressões e devastação que a expansão do mercado (e de seu séquito de limitações) impulsiona, insistindo que a humanidade corria em direção a algo ainda mais terrível que o Moinho Satânico apontado por Polanyi.

Desde o falecimento de CWPG, várias homenagens foram prestadas a este que foi um dos maiores geógrafos e intelectuais críticos do Brasil nas últimas décadas. A maior parte dos textos escritos sobre sua obra e seu legado para a Geografia e o pensamento crítico brasileiro tem destacado sua contribuição para a construção de uma Geografia decolonial/descolonial, várias vezes deixando supor que CWPG tivesse deixado para trás o legado marxiano.

Neste texto buscaremos lançar luz sobre faceta da sua obra que tem sido negligenciada ou apresentada como se Carlos tivesse dele se afastado ao longo do tempo: o rico e criativo debate estabelecido com o pensamento de Marx. E o faremos em diálogo com textos escritos por ele recentemente, para que não digam que o marxismo era coisa do passado em sua obra.

A crítica da CWPG ao dogmatismo marxista

Começemos do começo. É certo que CWPG criticou inúmeras vezes as limitações de leituras marxistas que insistiam em desconsiderar o papel crucial da relação constitutiva entre o ser social e a natureza. Abominava os marxismos rígidos, as fórmulas prontas, as respostas já mastigadas que sequer se davam ao trabalho de observar atentamente os traços humanos e não humanos nos territórios que pisavam. Suas críticas não estavam – como fazem alguns de seus comentadores – destinadas a abandonar a reflexão radical através da qual construiu seu ponto de partida, mas a exigir que ela se agudizasse muito mais, se posicionasse frente às questões emergentes, que integrasse o cortejo de lutas que se constituíam, que não apenas desse lições, mas aprendesse juntamente com a luta. Carlos abominava manuais e teorias de manual – de qualquer origem ou procedência – que não pensam, sentem nem agem, apenas repetem. Eram duramente criticados por ele, a começar pela constante investida endereçada contra o pensamento e práticas liberais, que constitui a base de um pensamento euurocêntrico, como ele grafava corretamente.

Seu intuito era outro, e insistia que nosso papel era atualizar essa crítica à luz da realidade brasileira e latinoamericana do nosso tempo. Daí sua admiração por autores como Mariátegui que construíram criativamente uma leitura da América Latina a partir de Marx. Tal qual fizeram os intelectuais russos contemporâneos de Marx que o consultaram sobre as particularidades da via russa para o socialismo, debate reproduzido por Theodor Shanin no livro “Marx tardio e a via russa: Marx e as periferias do capitalismo”, cuja tradução para o português Carlos coordenou entusiasmadamente no Lemto/UFF. CWPG lembra que na resposta de Marx à carta da revolucionária russa Vera Zasulich, sobre qual deveria ser a posição marxista frente às comunidades camponesas russas, este afirma que se aquelas comunidades viessem a acabar não seria por nenhuma lei histórica, mas por força das transformações promovidas pelo desenvolvimento do capitalismo na Rússia, portanto, os revolucionários russos deveriam lutar contra o capitalismo, inclusive para preservar aquelas comunidades tradicionais, nas quais estavam presentes valores e práticas mais próximas do comunismo. (PORTO-GONÇALVES, 2016).



É esta perspectiva que faz CWPG buscar nos seringueiros, nos geraizeiros, nas comunidades de fundo e fecho de pasto, nos faxinais e em tantas outras comunidades camponesas no Brasil que tradicionalmente fazem uso comum da terra, a inspiração para criticar concretamente o latifúndio, o agronegócio e buscar as bases para uma agricultura anticapitalista no Brasil. Assim como nas suas andanças pela América Latina se inspirou nos diversos povos originários de Abya Yala.

Foi a partir destes propósitos que CWPG manteve estreito diálogo com pensadores latinoamericanos, como Anibal Quijano, Enrique Dussel, Edgardo Lander, Enrique Leff, entre outros. Foi em torno da conceituação e das implicações marxistas da categoria da “assim chamada acumulação primitiva” que nós três – Virgínia Fontes, Paulo Alentejano e Carlos Walter – tivemos inúmeras conversas e longos debates sobre a continuidade desgraçadamente necessária para o capital, das expropriações do povo do campo, sob inúmeros formatos, e de sua incidência sobre os povos urbanizados.

Carlos Walter foi um militante e um pensador de um geógrafo inquieto, sempre revolucionário e a cada dia mais próximo das lutas populares, dos subalternos, dos de baixo (desde abaixo). Foi um ferrenho crítico do (des)envolvimento imposto a ferro fogo sobre os seres vivos – humanos ou não. E nessa luta cabem muitas lutas, como ele insistia.

Peguemos um exemplo bem recente e bastante direto do atravessamento permanente do marxismo com as reflexões, as lutas e as práticas de Carlos Walter Porto-Gonçalves. Ele escreveu artigo em plena pandemia, publicado em novembro de 2021, que servirá de roteiro para essa parte de nossa conversa, uma vez que nele CWPG se propõe explicitamente a “uma contribuição autobiográfica de um geógrafo ativista” (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.).

Nosso autor apresenta um roteiro das lutas que permitiram a constituição de um ecologismo popular e os desafios que enfrentam. Desde a primeira página apresenta a crítica à natureza (des)envolvimentista do capitalismo, e destaca-se o distanciamento que CWPG demarca frente àqueles que se tornaram os detratores do socialismo. Sem explicitar qualificações, traz apenas o essencial – a defesa da vida, em todas as suas dimensões. Retoma inúmeros autores ao longo desse recorrido por sua própria experiência em meio a encontros formidáveis, a descaminhos e recaminhos.

Logo de início CWPG convoca E.P. Thompson, grande historiador marxista, o qual precocemente mostrou que o “exterminismo” impulsionado pela bomba atômica e adotado pelos dois campos então em oposição (EUA e URSS), quaisquer que fossem as razões de cada bloco na Guerra Fria (ofensivas ou defensivas), conduzia a uma lógica perversa, a uma inércia frente a possibilidade concreta de destruição total. Com Thompson, CWPG retoma o afiado marxismo anti-dogmático e capaz não só de apreender as lutas populares em sua riqueza peculiar, em sua economia moral, mas em suas formas próprias de pensar, de sentir, de agir, de lutar. Um marxismo que aprende com os clássicos mas não se limita a repetir: exige perscrutar e averiguar os limites de sua própria teoria, exige integrar as questões resultantes dessa desenfreada expansão das expropriações, explorações e sujeições, e incorporar-se às lutas. CWPG é explícito: “o caráter devastador do liberal-capitalismo ameaça toda a humanidade” (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.).

Todo o relato autobiográfico desvenda o entramado e o entranhamento das lutas na vida de CWPG e de seu pensamento. Distante de toda formulação dogmática – qualquer que fosse sua procedência – toma o cuidado de repetir inúmeras vezes que se trata de construir outra ordem societária emanada dos grupos e classes sociais em situação de “opressão/exploração/subalternização” (PORTO-GONÇALVES, 2021). Não há a escolha unilateral de um atributo específico (como o fizeram os pós-modernos), nem mesmo o fato de



serem lutas latino-americanas. Aby-Ayala é o nosso espaço e tempo de sentir e nele precisamos con-viver, co-existir, co-aprender, mas CWPG sabe que a devastação atinge todos os continentes e todas as populações. Para ele, a questão central é a da defesa da vida e ela incorpora o que muitos separaram como natureza, envolve re-conhecer formas de ser e de viver. O mercado, o capital, o lucro, a maximização do ganho são os pontos nos quais se entrecruzam os inúmeros enfrentamentos, uma vez que deles se originam expropriações, subalternizações, devastações, minerações, epistemicídios, etnicídios, racismos, machismos...

A modernidade tecnológica subordinada à acumulação de capital surge na colônia junto com o latifúndio e suas monoculturas de exportação e com a superexploração do trabalho e o racismo. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 22)

A luta anticolonial ou decolonial em CWPG é também luta antiimperialista e anticapitalista. Não se separam, pois estão sob a mesma devastação. Precisam fermentar separada e coletivamente, cada uma em seu tempo-espaço, aprendendo a co-existência, sabendo que todas dependem de impedir a expansão do horror. É nas lutas concretas, no chão-espaço-tempo da vida que populações massacradas, trucidadas e assujeitadas resistiram e resistem, trazendo seus conhecimentos, suas formas de ser, seu compartilhamento conosco de aprendizados ancestrais, de outros horizontes cognitivos. Carlos Walter sabia que os povos lutaram entre eles, assim como os trabalhadores lutam entre si. Sabia também que a desigualdade impele os subalternizados a se entredevorarem. O magnífico quadro de Goya – La Riña – reproduzido no texto, recoloca a exigência de *ir além* de (e não de abandonar) contratos meramente sociais, que muitas vezes ignoraram que o pântano que devora os lutadores é o chão no qual precisam pisar. CWPG acrescenta: natureza é o “terreno movediço onde se move a história. E quanta história há no pântano!” (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.).

Nosso geógrafo não nega a ciência, mas não se subordina a uma ciência vendável, impermeável em sua bolha eeuurocêntrica, que pretende apresentar a possibilidade de uma universalização, mas a constrangeu à uniformidade pela Espada e pelo Dinheiro, pelas expropriações, pela exploração e pela devastação geradas desde a expansão colonial capitalista.

A crítica às Organizações Neo-Governamentais e à desfiguração da luta ambiental

Analisa com detalhes a constituição do próprio campo ambiental: nascido entre proprietários dos EUA, sofreu uma forte inflexão nos anos 1960 através das lutas populares.

O modo como a sociedade vinha tratando as condições de produção-reprodução da vida estava sob contestação aberta, inclusive retomando um debate entre mudanças dentro da ordem ou contra a ordem. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

Exigiam que o movimento ambiental fosse “além dos limites do estado e dos proprietários”, devendo propagar-se para a sociedade como um todo. Ir além do Estado supõe enfrentar a propriedade privada, a mesma que enriquece alguns enquanto expropria a maioria.

No entanto, nessa sociedade capitalista e liberal aprofundava-se a dominação da propriedade, ou dos proprietários, sobre os “cidadãos privados de propriedade”, controlando as



decisões, reafirmando o caráter excludente da pólis grega, impondo a dominação da cidade sobre o campo:

E esse sujeito proprietário visa a acumulação – riqueza reduzida a uma equivalente geral abstrato (\$\$\$) - e, quase sempre um sujeito proprietário varão e branco, enfim, burguês, machista e racista ao mesmo tempo. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

Carlos Walter sabia que todas as lutas, enquanto a vida estiver sob o controle da dinâmica do capital, arriscam sua esterilização ou, pior, converter-se em seu contrário, como exemplifica o quadro *La Riña* (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.). As lutas ambientais, imersas nessa sociabilidade do capital, enfrentarão sucessivas tentativas de recuperação pelas classes dominantes, ou por “grupos poderosos”.

Retomando Antonio Gramsci, o comunista sardo, CWPG relembra que as relações entre estado e sociedade são relações de poder, atravessam os limites institucionais e configuram um Estado ampliado, gerando

organizações Neo-governamentais que se dizem não-governamentais, crescem exponencialmente e ampliam o raio de ação das corporações e dos estados que as financiam passando a mediar os interesses de amplos setores da sociedade diminuindo sua capacidade de auto-organização, enfim, de seu protagonismo político. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

O Moinho Satânico da expansão capitalista procura controlar a luta ambiental, através de *ONeoGs* que procuram falar em nome dos subalternizados, mas, buscando assegurar verbas para seus interesses próprios.

As grandes cúpulas internacionais onde a questão ambiental está, de algum modo, em debate, cada vez mais reduzida ao tema climático (por quê?) e ao seu conexo mercado de carbono, tem servido muito mais como um grande mercado, onde grandes ONGs negociam verbas junto às grandes corporações que dominam a agenda. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

O campo ambiental, portanto, está atravessado não apenas de dominação capitalista, mas da tentativa de empurrar os setores populares uns contra os outros, esquecendo o pântano no qual todos pisam. Em outros termos, as complexas e contraditórias lutas de classes – necessárias para enfrentar a ordem dominante, a propriedade privada e as grandes corporações do capital – precisam ir muito além dos limites nos quais a sociabilidade dominante procura encerrá-las. Os subalternizados podem aprender com outros subalternizados em lutas muito mais amplas e extensas. Para tanto, continua a ser necessário um “apurado refinamento analítico crítico para distinguir o joio do trigo” (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.).

Tão mais importante é o ingresso de novos setores subalternizados na luta ambiental e social, ao exigirem estados plurinacionais, direitos da natureza, pois trazem a evidência de que



mais que uma crise do capitalismo nos vemos diante de uma crise imposta por um processo civilizatório que quis dominar a natureza e submeter a maior parte da humanidade aos desígnios daqueles que se fizeram proprietários privados e usaram das prerrogativas impostas por seu direito, o Romano atualizado como liberal, para acumular riqueza e, ainda, submeteram o sentido da vida a uma métrica abstrata, o dinheiro, para acumular capital. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

A luta anticapitalista precisa superar a universalidade truncada e eurocêntrica para reencontrar a enorme diversidade que a luta pela igualdade pode desvelar. Assim CWPG saúda as perspectivas e possibilidades trazidas pelo enraizamento crescente da questão ambiental nos setores populares, nos “desde abaixo”, como expressão múltipla, mas coletiva:

Que nome dar a isso, por mais que nos possa orientar, pode também nos levar a fechamentos, mas quem sabe não só a natureza nos inspire, mas também os povos e suas culturas com seus nomes próprios para o Bem Conviver, o Sumak Kausay, o Suma Qamaña, o Teko Porã, o Ubuntu, o Socialismo, o Decrescimento e suas múltiplas interferências. (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.)

CWPG conclama uma reinvenção da política, em que a pólis não se estabeleça a partir de exclusões (como em sua origem europeia milenarmente reproduzida), mas também considere como sua parte integrante o solo (o pântano) no que se implanta, do qual se nutre e que precisa nutrir e respeitar. Para CWPG, essa reinvenção exige “debater a vida em seu duplo sentido de bios e de polis!” (PORTO-GONÇALVES, 2021: s/pág.).

As lutas dos diversos movimentos populares a partir dos anos 1980 – razão de nova inflexão do campo ambiental – mostrava como a “sociedade moderna” (isto é, capitalista) identificava os subalternos à natureza e, portanto, os destinava à dominação. Mulheres, proletários, povos-outras chamados de selvagens.

O des(envolvimento), expressão da desincompatibilização do liberal-capitalismo com a vida, pretendia – e segue pretendendo – adjetivar o intolerável como ‘sustentável’, apagando o substantivo, como se isso atenuasse seu impacto. O enfrentamento prossegue.

À guisa de comentário, vale observar que não há nesse texto de CWPG nenhuma separação ou clivagem entre o combate ao capitalismo liberaloide, seu rastro colonial, machista e racista, a questão ambiental e o conjunto de lutas que constantemente reemerge dos setores populares. É uma relação múltipla de crítica a conhecimentos enrijecidos, de socialização de uma epistemologia crítica e de aprendizado com as lutas e com formas de ser. Seu alerta é crucial – não se trata apenas de enfrentar uma forma de produzir substituindo as direções no Estado, mas é imperativa uma transformação radical do sociometabolismo, do conjunto das relações entre os seres sociais e entre os seres sociais e a natureza.

Fiel portanto ao embasamento marxista que sempre preservou, intensificava suas provocações àqueles que desconsideram a gigantesca dimensão do desafio contemporâneo e se limitam à suposições tênues de que é possível ‘humanizar’ ou ‘domesticar’ o capitalismo. Da mesma maneira, espicaça os que absorvidos em suas lutas específicas – por mais importantes que sejam – não enxergam como a devastação ambiental é também a destruição de experiências humanas e sociometabólicas fundamentais, tão mais importantes quanto nos defrontamos com catástrofes resultantes dessa dramática e arrasadora ‘experiência moderna’.



A crítica ao caráter destrutivo do capital

Em outra obra recente, “Amazônia: encruzilhada civilizatória – tensões territoriais em curso”, publicada em 2018, Carlos analisa como a Amazônia sofre hoje os impactos da expansão do capital que destrói a natureza e os povos que a habitam.

cabe à Amazônia estar a serviço dos desígnios da acumulação de capital e do desenvolvimento de suas forças produtivas com a função supridora de “recursos naturais”, como a geopolítica do sistema mundo capitalista moderno-colonial impõe aos continentes/países/regiões/lugares coloniais, sobretudo aos grupos/classes sociais em situação de subalternização nessas diferentes escalas. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 28/29)

Por trás dessa sanha destruidora estão os interesses das grandes corporações capitalistas que controlam a dinâmica do capital em escala global, subordinando tudo à lógica da acumulação. Para Carlos, o “capital financeiro-industrial globalizado nos dias que correm, estabeleceu uma ruptura metabólica que não é mais localizada no espaço e no tempo e, tampouco, numa região qualquer do mundo...” (PORTO-GONÇALVES, 2018: 57)

O impacto deste processo sobre a natureza é inominável, pois:

A nova dinâmica espaço-temporal de matéria e energia passa a ser comandada pelo tempo globalizado da concorrência oligopolista do capital no mercado internacional, que exige outro tipo de energia. O tempo da competitividade produz uma desconexão espaço-temporal de matéria-energia configurando uma subordinação do espaço (e todos os seus ciclos biogeofísicos) ao tempo do relógio abstrato do capital. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 47)

Mas Carlos não perde de vista os impactos desiguais dessa devastação provocada pela ruptura metabólica em cada canto do mundo e seu caráter de classe, mas também de raça e gênero.

Assim, a capacidade de trabalho proporcionada por essa revolução nas relações sociais e de poder por meio da tecnologia da máquina a vapor promoverá uma verdadeira ruptura metabólica de alcance planetário,



pois implica um sistema que impõe uma divisão territorial do trabalho numa geografia desigual dos proveitos para poucos e rejeitos para as periferias e para os subalternizados em todo canto. Neste sentido, cada vez mais se vê um colapso ambiental para todos, ainda que sentido desigualmente segundo as classes, o gênero e as etnias. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 56)

Para CWPG, a voracidade do capital em seu processo expansivo apoia-se cada vez mais na superexploração do trabalho e da natureza.

avança um novo padrão de acumulação de capital com uma voraz demanda de matéria e energia que vem integrando de nodo subordinado a Amazônia à divisão internacional do trabalho na velha condição colonial como região supridora de matérias primas agrícolas, minerais e energéticas (petróleo, gás e hidroenergia sob a forma de *commodity*). E, insistimos, o faz para alimentar um estilo de vida e um regime sócio-político-cultural euurocentrado subordinado à lógica da acumulação de capital fundado na superexploração do trabalho/da natureza nas regiões periféricas do sistema mundo, particularmente nas regiões periféricas dos países periféricos, como a Amazônia. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 95)

Em outro de seus mais recentes textos, Carlos se apoia explicitamente num dos próceres da Teoria Marxista da Dependência, Ruy Mauro Marini, para sustentar a atualidade da noção de superexploração do trabalho, à qual acrescenta a dimensão de superexploração da natureza.

A superexploração do trabalho/natureza é o *modus operandi* das relações sociais e de poder no países/sociedades periféricos/as (Marini), onde a acumulação primitiva e a mais-valia absoluta são as faces antagônicas necessárias da acumulação civilizada e da mais-valia relativa que operam nos países/sociedades do centro. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 14)

Acumulação primitiva, mais-valia absoluta e relativa, conceitos centrais na obra de Marx que são utilizados por CWPG para explicitar como no século XXI se reproduzem desigualdades sociais e espaciais profundas e também para demonstrar o caráter ambientalmente predatório da sociedade capitalista, pois:



o dinamismo que emana desses centros do sistema mundo capitalista moderno-colonial tem se sustentado com a hegemonia cultural de um modo de vida em torno do “*american way of life*”, sobretudo desde o fim da Segunda Guerra Mundial, com a *Pax Americana*. A dimensão subjetiva desse modo de vida ancora e está ancorada num determinado modo de produção que implica transformações metabólicas profundas em todo o planeta, ainda que com efeitos desiguais nas suas diversas geografias. Assim, a dinâmica geograficamente desigual dos proveitos e dos rejeitos do desenvolvimento capitalista continua demandando matérias primas agrícolas e minerais, petróleo e gás e, deste modo, estimulando a ampliação da rede de transportes e comunicações, a produção de energia e, com isso, dando um suporte consistente para o aumento da violência e do desmatamento e, ainda, contribuindo para aumentar a emissão de gases estufa no planeta como um todo e numa proporção cada vez mais intensa na Amazônia. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 91)

A crítica à nova geopolítica contemporânea

Uma outra preocupação que aparece na obra de CWPG nos últimos anos – em larga medida influenciada pelo diálogo que estabeleceu com o português João Bernardo – é a crítica à nova geopolítica contemporânea que emerge da ascensão da China como potência global, em flagrante competição com os EUA.

Para Carlos,

Estamos diante, pois, de uma reconfiguração geográfica profunda regional/continental/global que abre uma nova fase de acumulação de capital e de uma nova aliança entre classes e frações de classe (sindicalistas ligados aos fundos de pensão, capital financeiro, gestores militares e da diplomacia, empresas de engenharia e construção civil, grandes corporações capitalistas do agronegócio e de mineração e gestores do Partido Comunista chinês). (PORTO-GONÇALVES, 2018: 51)

Contrariando as vozes que enaltecem o modelo chinês, CWPG é um crítico ferrenho deste e dos impactos que a expansão chinesa tem sobre a América Latina. Para ele, a China, tal qual os EUA, busca ampliar a acumulação de capital com sua incursão sobre a AL, pois embora sejam sujeitos sociais distintos, burgueses e gestores possuem o mesmo intuito.

tanto os burgueses quanto os gestores dependem do excedente social, que numa ordem geopolítica mundial capitalista se configura como



mais-valia, sob suas diversas formas: lucro, juros, ganho comercial, renda da terra (do solo e do subsolo) e impostos. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 12)

Não é por acaso que boa parte dos investimentos chineses se voltam para obras de infraestrutura de transportes, pois

sua função primordial é servir para diminuir o tempo geral de produção, diminuindo o tempo de circulação e, assim, aumentar a produtividade social total permitindo uma maior rotação do capital e da produção da mais valia social total e, deste modo, expandir a acumulação de capital. (PORTO-GONÇALVES, 2018: 61)

Mais uma vez fica evidente a utilização de conceitos desenvolvidos por Marx, como incluir a circulação como parte do processo geral de produção e associar produtividade, mais valia e acumulação. Da mesma forma, na citação abaixo os conceitos de concentração e centralização do capital são acionados e associados à barbárie promovida pela expansão desenfreada do capital.

a expansão geográfica do capital tende a fortalecer a concentração e a centralização de capital e, desse modo, amplia a injustiça e a concentração de poder que a sustenta. E nessas frentes, ou melhor, nesses verdadeiros fronts de expansão/invasão do processo civilizatório comandados pelos gestores e pelos capitalistas, há muita barbárie. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 17)

Os subalternos e as lutas sociais como portadores do futuro

Evidenciamos acima que a leitura oferecida por CWPG acerca da expansão do capital sobre a AL (e Amazônia) está solidamente apoiada no arcabouço teórico-metodológico desenvolvido por Marx. Carlos não o faz meramente reproduzindo o pensamento marxiano, mas atualizando-o para o tempo do século XXI e situando-o na América Latina. Daí o destaque que dá ao papel dos gestores, mas também do agronegócio, atores inexistentes na época de Marx.

contra estes gestores nacionalistas que privilegiam as dinâmicas territoriais dos Estados e sua geopolítica que vem dando suporte aos grandes grupos empresariais do agribusiness e da exploração mineral, gritam as territorialidades dos grupos/classes sociais em situação de subalternização que estão sinalizando que a violência que vêm sofrendo tem as marcas do latifúndio e do grande capital... (PORTO-GONÇALVES, 2018: 29)



Da mesma forma que não existia o neoliberalismo e as r-existências que este engendrou na AL nas últimas décadas do século XX e primeiras do século XXI, as quais CWPG dá grande destaque nas suas análises.

Tudo indica que também não estava no horizonte dos estrategistas estadunidenses a resistência ativa (r-existência) das populações das periferias urbanas e dos camponeses, indígenas e quilombolas/pallenqueros da América Latina contra as políticas neoliberais que aumentaram no continente a partir do Consenso de Washington, como se viu desde o Caracazo de 27 de fevereiro de 1989, as grandes marchas pela Vida, pela Dignidade e pelo Território da Bolívia e do Equador de 1990, o Levante Zapatista de 1º de janeiro de 1994, a Guerra da Água em Cochabamba em 2000, a Guerra do Gás em 2003, ambas na Bolívia, entre outras manifestações que contribuíram para deslegitimar aquelas políticas. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 8)

São essas r-existências que permitirão a construção do caminho para a superação do capitalismo e todas as mazelas por ele geradas, na sua sanha de acumulação sem limites.

essa dinâmica metabólica está subordinada a uma acumulação de capitais que se quer sem limites, será a natureza e serão os grupos/classes sociais com outros valores que haverão de apontar caminhos/limites. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 22/23)

Essas lutas atuais se alimentam das tantas que foram travadas na América Latina desde os primórdios da colonização, uma vez que o desenvolvimento do capitalismo e a colonização europeia da América são processos indissociáveis.

Há um grito que vem da América Profunda/AbyaYala, que há mais de 500 anos luta contra o colonialismo e a colonialidade que o atualiza e que nos convoca a ver que a luta contra o capitalismo implica também a luta contra a colonialidade que lhe é constitutiva. Afinal, a acumulação primitiva é a face violenta da acumulação civilizada que a põe e pressupõe. (PORTO-GONÇALVES, 2016: 23)

E a superação do capitalismo exigirá, portanto, a superação da colonialidade.

a superação do capitalismo necessita, ao mesmo tempo, a superação da colonialidade que sempre o acompanhou. Não nos esqueçamos de que a acumulação primitiva sempre foi parte da acumulação civilizada! (PORTO-GONÇALVES, 2018: 109)

Portanto, como já afirmamos antes, a luta anticolonial ou decolonial em CWPG é também luta antiimperialista e anticapitalista. E como ele mesmo nos disse inúmeras vezes, enquanto existir capitalismo o pensamento de Marx permanecerá vivo e necessário, pois nenhum outro autor produziu uma crítica tão profunda do modo de produção capitalista.



Ossificações e cristalizações limitadas e limitantes se incrustam em qualquer base teórica. A peculiaridade do marxismo é sua exigência constitutiva de enfrentá-las. E o faz a partir da historicidade própria da relação sociometabólica (seres sociais e natureza), que só pode ocorrer levando em consideração a territorialidade herdada e construída, intimamente mesclada às condições geográficas e às experiências históricas. O marxismo era o ponto de partida e o de ancoragem de Carlos Walter, a bússola crítica que impunha criticar todo e qualquer engessamento, para incorporar elementos vivos das práticas de luta dos subalternos. É desse marxismo provocativo e petulante que se nutria Carlos Walter Porto-Gonçalves.

CWPG foi um homem das lutas nas terras, nos territórios, nos espaços dos castanhais, dos faxinais, espaços indígenas e das favelas. Seu impulso foi permanentemente revolucionário. E Carlos Walter, na melhor tradição marxiana, a de Lênin, Luckács, Gramsci, Thompson, deu sua preciosa contribuição para a atualização do pensamento de Marx para os desafios da luta de classes – e também de raça e gênero – na América Latina de hoje.

REFERÊNCIAS

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. A dimensão geopolítica da crise brasileira: uma perspectiva desde os grupos sociais em situação de subalternização. *Geographia*. Ano 18. Nº37. 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Amazônia: encruzilhada civilizatória – tensões territoriais em curso. IPDRS – CIDES/UMSA, 2018.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Um ecologismo popular em defesa da vida, da dignidade e do território: uma contribuição autobiográfica de um geógrafo ativista. In: <https://www.incomunidade.pt/um-ecologismo-popular-em-defesa-da-vida-da-dignidade-e-do-territorio-uma-contribuicao-autobiografica-de-um-geografo-ativista-carlos-walter-porto-goncalves/> Publicado em novembro de 2021 - ACESSO em 05/06/2024.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

ALENTEJANO, Paulo. FONTES, Virgínia. O rico e criativo debate de Carlos Walter Porto-Gonçalves com Marx. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 20, n. 2, p. 43-54, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2024.85914>. Acesso em: DD MMM. AAAA.